**RESUMO EXPANDIDO EPCA 2024**

**A CULTURA HIP-HOP NA AMAZÔNIA: COMUNICAÇÃO E RESISTÊNCIA**

**GESIEL RIBEIRO DE LEÃO - UFPA)[[1]](#footnote-1)**

**THAYSA CRISTINA MAGALHÃES DOS SANTOS –UFPA)[[2]](#footnote-2)**

**MARCIA MARIANA BITTENCOURT BRITO - UFPA)[[3]](#footnote-3)**

**RESUMO**

A cultura Hip-Hop na Amazônia é um fenômeno que se entrelaça com múltiplos elementos sociais, culturais, políticos e ambientais, refletindo as complexas dinâmicas entre a comunicação, a Colonialidade, as insurgências e as resistências da região. O Hip-Hop, por meio de coletivos como o Hip-Hop Páid´égua, articula a voz dos marginalizados, ecoando práticas de insurgência e resistência contra as estruturas hegemônicas impostas pela expansão do capitalismo, do colonialismo e do racismo.

**Palavras-chave:** Hip-Hop, Amazônia, Resistência, Colonialidade, Cultura.

**1. INTRODUÇÃO**

A cultura Hip-Hop na Amazônia emerge como uma poderosa forma de expressão que transcende a mera estética, inscrita em um contexto de resistência e luta por reconhecimento. Através de uma perspectiva interdisciplinar, é possível observar como o Hip-Hop se torna uma plataforma para a comunicação e a política, permitindo que vozes marginalizadas articulem suas experiências e reivindicações.

O coletivo *Hip-Hop Páid´égua*, por exemplo, representa essa intersecção ao mobilizar jovens da região em torno de questionamentos sobre identidade, pertencimento e luta contra a Colonialidade, que segundo Franz Fanon (1961, p. 18) destaca que "a luta do colonizado contra o colonizador é, em última análise, uma luta pela identidade", e isso se reflete na forma como o Hip-Hop se torna um meio de reafirmação cultural.

As manifestações do Hip-Hop na Amazônia também revelam a complexidade das insurgências sociais, onde elementos de resistência são fundamentados em um contexto de conflitos socioambientais. A expansão do capitalismo, aliada ao colonialismo histórico, impõe desafios significativos às comunidades locais.

O marxismo, conforme exposto por Karl Marx (2013, p. 123), argumenta que "o capital não é um simples valor que circula, mas sim uma relação social que se perpetua através da exploração". Essa exploração é evidente na maneira como os recursos naturais da Amazônia são extraídos sem consideração pelas populações locais, levando a um deslocamento cultural e físico.

 O “giro decolonial” latino-americano, por sua vez, oferece um referencial teórico que permite entender as lutas contemporâneas do Hip-Hop amazônico. Autores como Walter Mignolo (2007, p. 450) discutem a necessidade de descolonizar o saber e o ser, enfatizando que "a decolonialidade não é apenas um projeto político, mas também um movimento de resistência cultural".

Nesse sentido, o Hip-Hop atua como uma forma de insurgência, onde os artistas utilizam a música e a dança para desafiar narrativas hegemônicas e reivindicar espaço na sociedade. Além disso, as questões de raça e classe estão intrinsecamente ligadas à cultura Hip-Hop na Amazônia. A luta contra o racismo se torna uma das principais bandeiras do movimento, uma vez que a marginalização das vozes indígenas e afrodescendentes é uma herança colonial que persiste. Fanon (1961, p. 21) afirma que "o racismo é a negação da humanidade do outro", e os rappers amazônicos, ao utilizarem suas letras para narrar suas vivências, desafiam essa negação e buscam visibilidade.

Por fim, a mobilização social que emerge do Hip-Hop Páid´égua e de outros coletivos na Amazônia é uma resposta direta a um modelo de pensamento que exclui as experiências desses grupos. Através da arte, eles não apenas denunciam as injustiças, mas também constroem um espaço de diálogo e reconhecimento. Marx (2011, p. 87) menciona que "a história se repete, primeiro como tragédia, depois como farsa", e é nesse ciclo que o Hip-Hop se insere como uma forma de resistência que busca transformar a tragédia da exclusão em uma farsa que não será mais tolerada.

**2. ANÁLISE E COMENTÁRIO DO CONTEÚDO**

Os resultados apontam que a cultura Hip-Hop na Amazônia transcende a mera estética ao emergir como uma forma de expressão engajada em resistência política e luta por reconhecimento, especialmente entre as populações marginalizadas. O Hip-Hop, através de coletivos como o Hip-Hop Páid´égua, mobiliza jovens para questionar as estruturas coloniais e capitalistas que perpetuam a exclusão social e racial.

Em sintonia com o pensamento de Frantz Fanon, que argumenta que "a luta do colonizado contra o colonizador é, em última análise, uma luta pela identidade" (Fanon, 1961, p. 18), o Hip-Hop amazônico torna-se um meio de reafirmação cultural e resistência contra a colonialidade. Dessa forma, o movimento não só oferece uma plataforma para a comunicação política, como também possibilita a articulação de reivindicações de reconhecimento e pertencimento entre aqueles historicamente marginalizados.

As discussões teóricas também destacam a interseção entre o Hip-Hop e o racismo estrutural, que continua a negar a humanidade de afrodescendentes e indígenas na Amazônia, conforme Fanon (1961, p. 21) menciona: "o racismo é a negação da humanidade do outro."

Nesse sentido, os artistas do Hip-Hop amazônico, ao narrar suas vivências em letras que abordam a opressão e o racismo, combatem essa negação e reivindicam visibilidade e reconhecimento. O Hip-Hop, além de servir como um canal de denúncia, oferece um espaço de resistência cultural e política, onde as lutas por identidade e justiça social são articuladas em um contexto de insurgência contra o capitalismo e a colonialidade.

**3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As considerações finais sobre o Hip-Hop na Amazônia revelam que este movimento cultural se consolidou como uma forma vital de resistência que vai além da estética, tornando-se um espaço de mobilização e conscientização política entre a juventude amazônica. Ao incorporar a luta contra as estruturas coloniais e capitalistas, o Hip-Hop não apenas denuncia as injustiças sociais, raciais e ambientais, mas também oferece uma plataforma para a reafirmação de identidades historicamente marginalizadas.

Os coletivos de Hip-Hop, como o Hip-Hop Páid´égua, desempenham um papel crucial na criação de diálogos que questionam as dinâmicas de exclusão e exploração, promovendo uma insurgência cultural que desafia o racismo estrutural e o deslocamento socioambiental. Em consonância com o pensamento de Franz Fanon, o Hip-Hop na Amazônia se reafirma como uma forma de resistência que articula as vozes da juventude para reimaginar seu lugar no mundo e construir uma nova narrativa de pertencimento e justiça.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

FRANTZ Fanon, **Os condenados da Terra**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1961.

KARL, Marx. **O Capital: Crítica da Economia Política – Livro 1**. São Paulo: Boitempo, 2013. (Original publicado em 1867)

MARX, Karl. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011. (Original publicado em 1852).

MIGNOLO, Walter. **Delinking: The Rhetoric of Modernity, the Logic of Coloniality and the Grammar of Decoloniality**. Cultural Studies, v. 21, n. 2-3, p. 449-514, 2007.

1. Mestrando em artes –PPGARTES-UFPA, Licenciado em Dança –UFPA, Técnico em Dança – ETDUFPA, Escritor e Artista Multifacetado. Atua na área das Artes xifuribeiro@gmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Mestranda em artes –PPGARTES- UFPA, Licenciada em Dança – UFPA, Especialista em Docência no Ensino Superior, atua na área das Artes, thaysacristina02@gmail.com [↑](#footnote-ref-2)
3. Professora Doutora do –PGARTES –UFPA e da Faculdade de Artes visuais da UFPA: Doutora atua na área da educação e artes marciabit@ufpa.br. [↑](#footnote-ref-3)